

**Progresso e modernidade na produção jornalística e literária de José Francisco da Rocha Pombo: uma sensibilidade para um mundo novo<sup>1</sup>**

MARCUS AURELIO TABORDA DE OLIVEIRA

Ao longo da pesquisa que deu origem a este texto pretendi explorar as ideias de dois destacados intelectuais do séc. XX, Edward Thompson e Raymond Williams, cuja obra venho estudando há alguns anos, para problematizar uma base empírica constituída pela produção de José Francisco da Rocha Pombo, intelectual paranaense nascido nos anos finais do Império Brasileiro, e que ganharia grande destaque como o “historiador oficial da primeira república” nas décadas iniciais do séc. XX. Recupero alguns dos argumentos já publicados anteriormente (2008 e 2011) para, nos limites aqui permitidos, inquirir parte da obra daquele intelectual como registro de uma sensibilidade que reivindicava o constante cuidado com o mundo, tomando o esclarecimento geral como fundamento da empreita modernizadora.

**O intelectual e sua trajetória<sup>2</sup>**

José Francisco da Rocha Pombo seria conhecido como fecundo escritor, sobretudo de livros didáticos. São de sua autoria: *Para a História: notas sobre a invasão federalista no Estado do Paraná* (de 1989, mas publicado postumamente em 1980), *O Paraná no centenário - 1500/1900* (1900), *História do Brasil* (1905 a 1930, 10 vol.), *História de São Paulo* (1921), *História do Rio Grande do Norte* (1922), *História do Paraná* (1930), além do grande êxito editorial *Nossa Pátria* (1ª edição de 1917), que contou com 83 edições até 1949.

Porém, a sua carreira nas letras é muito anterior ao seu reconhecimento como historiador, e leva a marca de um personagem nascido longe dos grandes centros produtores de idéias do último quartil do século XIX. O autor nasceu na cidade de Morretes, então importante entreposto comercial na baixada litorânea da Província do Paraná, em 4 de dezembro de 1857, muito provavelmente filho de uma família protestante. O início da sua carreira se deu como professor de primeiras letras em substituição ao seu pai, Manoel Francisco Pombo, em 1875.

<sup>1</sup> Professor de da Universidade Federal de Minas Gerais. Este trabalho é resultado de pesquisa financiada pelo CNPq sob n. 400497/2007-7.

<sup>2</sup> Muitas das informações sobre a trajetória de Rocha Pombo que se seguem foram desenvolvidas em Taborda de Oliveira (2011 e 2012) e cumprem, aqui, o papel de situar o leitor no seu percurso intelectual.

2

Além de ter criado o primeiro periódico da sua região, *O Povo*, republicano e abolicionista, ainda aos 20 anos enviou o seu primeiro escrito à revista fluminense *A Escola* (Rocha, 1877). Aquele artigo seria transcrito pela *Revista del Plata*, de Montevideo. Com algum sucesso no âmbito do jornalismo mudou-se para Curitiba, onde passou a colaborar com o periódico *Galeria Ilustrada* (1880). Nesse período iniciava também a sua produção literária. O primeiro livro foi *A Honra do Barão*, de 1881, que foi publicado primeiramente em folhetim no periódico *A Pátria*, de Montevideo. Em 1882 publicou um segundo romance, *Dadá*. Passou a colaborar também com o diário *Gazeta Paranaense*, do Partido Conservador, que era liderado por Idelfonso Pereira Correia, o Barão de Serro Azul, com quem Rocha Pombo estabeleceria grandes laços de amizade.

Em 1883 mudou-se para Castro, no segundo planalto paranaense, onde escreveu *A Religião do Belo e A Supremacia do Ideal*, livro no qual realiza uma ampla defesa da educação pública como valor e como direito, e que aqui mobilizo como uma das minhas principais fontes. Segundo Bega (2003), seu deslocamento para aquela cidade se deu pelo interesse do Partido Conservador em construir bases mais sólidas em um local que era dominado pelos liberais, pois se cria que Rocha Pombo possuía uma grande eloquência e força política, pelo seu êxito na publicação de periódicos e livros. Além do seu tom polêmico e sua vocação para o debate significarem uma grande possibilidade de divulgação do ideário dos Conservadores.

Naquele ano filiou-se ao Partido Conservador, e foi eleito deputado pelo 2º distrito, em 1886. Não obstante, sua breve carreira política não obteve êxito, pois seus projetos reformistas não agradaram o Partido. Isso significou para ele uma posição de “deslocado” frente às elites paranaenses. Parte do seu fracasso talvez possa ser explicada por sua retórica *modernizadora*, fundada na defesa da industrialização, da educação pública e universal como possibilidade de esclarecimento geral, no seu republicanismo, na defesa da democracia e da redefinição da grande propriedade. Não estranha que tais idéias não se coadunassem com as formas políticas vigentes no final do Império, sobretudo em uma região de forte concentração fundiária e de produção agropecuária de largo porte. Suas posições implicitamente condenavam o latifúndio, a falta de iniciativas em prol da industrialização, as relações de poder baseadas no clientelismo, a falta de oportunidades educacionais, etc. Isso fez com que abandonasse a cena política e se dedicasse à vida intelectual, assumindo a condição de livre-

3

pensador, retornando àquela apenas em 1916 como deputado com caráter honorífico, por sua atuação como historiador (Taborda de Oliveira, 2011).

Com o fracasso de sua carreira política, Rocha Pombo iniciou, já de volta a Curitiba, um novo “empreendimento periodístico” que foi *O Diário Popular*, em 1887. A partir de 1892 colaborou com o *Diário do Comércio*, do qual se tornou proprietário. Deu sequência, também à publicação de suas obras literárias, publicando *O Guairá* (1886) e *Nova Crença* (1887). Seu interesse intelectual era multifacetado e o levou a incursionar por temas como a educação, imigração, literatura, comércio, filologia, indústria, cultura. Se o seu perfil e a sua ação política ganhavam densidade nos periódicos, como afirma Campos (2008), sua produção de livros, sobretudo os didáticos, lhe conferiu um papel de destaque no pensamento sócioeducacional brasileiro entre o final do séc. XIX e o início do XX. Deve-se recordar que Rocha Pombo foi o primeiro formulador de um projeto de universidade para a jovem Província do Paraná, ainda em 1892. Mas mesmo que tivesse conseguido a concessão para o empreendimento, chegando até mesmo a adquirir o terreno para a edificação, seu projeto fracassou. Para alguns dos estudiosos da sua trajetória aquele fracasso estaria intimamente relacionado ao seu fracasso como político, pois não conseguiu mobilizar os esforços necessários para a criação da universidade (Queluz, 1994; Campos, 2008).

Ainda em 1892 publicou o livro *Visões* e o romance *Petruccello*. Na época escreveu a crônica *Para a História*, livro que retrata os efeitos da Revolução Federalista no Paraná, a qual vitimou seu amigo Barão do Serro Azul. Esta crônica só seria publicada em 1980. Suas conexões intelectuais o levaram a participar da revista *O Cenáculo* entre 1895 e 1897, conduzida por um dos mais destacados grupos de intelectuais do seu tempo. Foi um dos idealizadores da concepção de uma cultura autenticamente paranaense, que redundaria no *Movimento Paranista*, o qual pretendia destacar a contribuição original do Estado no âmbito da cultura nacional, além de ter forte aproximação com o Simbolismo. Em 1897 se mudou para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua carreira de historiador com seu primeiro livro didático, *História da América*, de 1900 (Taborda de Oliveira, 2011). Inicia em 1905 a publicação da coleção de dez volumes de *História do Brasil*, uma de suas obras mais famosas e importantes, assim como sua obra literária simbolista *No Hospício*. Rocha Pombo foi também professor de História Geral da efêmera Universidade do Povo, de orientação socialista, a partir de 1912, e professor concursado do Colégio Pedro II e da Escola Normal. Em 1911 publicou *Contos e*

4

*Pontos*; em 1918, *Notas de Viagem*. Em 1933 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, mas não assumiu o fardão, pois já estava com a saúde debilitada. Morreu em 26 de junho de 1933, aos 75 anos, no Rio de Janeiro, em absoluta penúria financeira. Na ocasião foi homenageado pelo gremio dos alunos do Colégio Pedro II.<sup>3</sup>

### **Educação e esclarecimento como condição de um mundo melhor**

Em *A supremacia do ideal*, livro escrito e publicado em 1883, José Francisco da Rocha Pombo tece com precisão não apenas o elogio do pensamento rigoroso, mas do próprio intelectual como sujeito social privilegiado. Muito jovem – contava com 25 anos à época –, o autor se valia de um repertório bastante eclético para sustentar a premência do trabalho intelectual sobre todas as outras formas de intervenção na cultura – para ele, civilização. Na sua pena, esta se caracterizaria pelo menos em quatro sentidos distintos, mas complementares:

1. como uma luz crescente a irradiar da enorme coletividade humana (1883, p. 246);
2. a lâmpada maravilhosa que recebemos de gerações idas (p. 282);
3. o que resulta de todos os espíritos, do que a humanidade tem de belo e de grande e que faz aproximar-se sempre da divindade (p. 283);
4. civilizar é, pois desenvolver o sentido moral (idem).

Rocha Pombo conclui o seu livro justamente fazendo apologia do seu ideal de formação, expresso já no seu título: “A felicidade geral dos homens é o ideal da civilização de que somos portadores” (p. 326). Essas acepções, em alguns casos, se aproximam *da* ou complementam *a* noção de progresso, largamente utilizada pelo autor, na qual está presente também uma preocupação com a organização material da vida: “Logo, nada devido a um só indivíduo; logo, o progresso devido a muitos, devido por consequência a todas as épocas, desde que o homem pensa” (p. 254). A solidariedade humana, expressão última das suas preocupações, “é consequência da solidariedade histórica”. (p. 254). Daí que o progresso seria, também, “a sucessão harmônica de fatos tendendo para um fim” (p. 254):

O progresso de que gozamos significa evidentemente que a humanidade é portadora de tudo que fizeram os homens de todos os tempos, e que uma época é sempre

---

<sup>3</sup> Agradeço a Eliezer Raimundo de Souza Costa pela disponibilização da fonte que nos oferece a homenagem recebida pelo autor.

definição, ou melhor, a síntese de muitas épocas; assim como as gerações tem sempre em si tudo que tiveram as gerações precedentes. Sem admitirmos esses laços com o passado, sem a consciência dessa plena solidariedade com tudo que passou, não há ciência, não há desenvolvimento real e efetivo, não há progresso sólido (Rocha Pombo, 1883, p. 277).

No autor é clara a apologia da história como a *sciencia mater*. Rocha Pombo estabelecia uma profunda correlação entre as realizações do espírito e as realizações materiais ao longo da história da humanidade, deixando claro que não via possibilidade do desenvolvimento intelectual – tomado por ele como *espiritual* – sem o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade brasileira e da expansão das oportunidades educativas. Escrevia isso no contexto de uma sociedade que não abolira a escravidão ou as formas de poder baseadas no compadrio.

Assim, suas preocupações se voltavam, também, para questões do universo cotidiano da recém emancipada Província do Paraná. Homem engajado nos problemas do seu tempo, nas suas primeiras intervenções políticas pela imprensa fazia o elogio do industrialismo, no mesmo movimento que criticava a política de imigração da Província, bem como o estado da instrução pública naquele período. Em um conjunto de cartas destinadas a Carlos de Carvalho, então presidente da Província do Paraná, publicadas entre 1882 e 1883 na Secção Livre, da *Gazeta Paranaense*, o jovem jornalista já relacionava a “esplêndida civilização industrial do velho mundo”, com os limites do modelo de imigração adotado pela Província. Para ele aquela forma de imigração “de modo algum poderia contribuir para a prosperidade de nossa lavoura e de nossas indústrias, nem para os progressos de nossa civilização moral”. Sua crítica recaía sobre o fato que as levas imigratórias da Europa estavam baseadas em comunidades pobres, de pouca instrução, que chegavam ao país para atuarem como mão de obra na lavoura. Em uma dessas cartas, ainda, caracterizaria a colonização para o país como necessidade de:

- I. um elemento de civilização ou progresso moral;
- II. um elemento de produção ou de progresso material.

Na seqüência do seu artigo ironizava as autoridades que se esmeravam em preencher relatórios denunciando o “atraso moral” do povo, a “falta de progresso”, o “desprestigio da razão pública”, “o procedimento burocrático”, “a falta de civilização do povo”, mas que não faziam mais que exercitar peças de retórica a fim de apaziguar quaisquer tipos de críticas aos atos da administração. Para ele havia um enorme fosso entre as queixas expressas nos

6

documentos emanados do estado e as efetivas realizações daquele para a superação dos limites materiais e culturais da nova Província.

Parece-me, pois, que Rocha Pombo, intelectual fixado ainda distante dos grandes centros naqueles anos, está no coração do debate sobre a modernização do Brasil, no que essa noção remete a uma dimensão da organização social que podemos caracterizar como econômica ou material, e que tem no industrialismo e na urbanização dois dos seus motores. Mas também se mostra um apologista cauteloso dos “tempos modernos”, na medida em que a “avassaladora” marcha do progresso estaria, também, reduzindo as possibilidades do espírito humano, ou da plena civilização em alguns países da Europa e, sobretudo, nos Estados Unidos, sobretudo quando se rompiam os laços com o passado – com a *tradição*. Ou seja, ecos do que Carvalho (2012) caracterizou como *ambiente de reflexão romântico* parecem tocar a mente e a pena deste intelectual, como no assombro do Fausto de Goethe diante dos efeitos da indústria moderna, o que denota alguma consciência da própria modernidade e remete à oposição antigo-modernos, que produziria em muitos intelectuais do final daquele século um profundo sentimento de melancolia (Bresciani, 2004). No entanto, em Rocha Pombo essa oposição não se caracterizará pela ruptura, mas pela atualização crítica do passado, como vemos em *Historia da América*, de 1900, assim como pela ênfase em uma dimensão estética da existência que permite uma *inflexão em direção ao indivíduo* sensível, que toma a razão como mais uma das dimensões da vida, não a única ou a preponderante.

Não por outro motivo, mais do que apenas profícuo escritor e produtor de livros didáticos, pelo que ficou mais conhecido no debate intelectual brasileiro, podemos ver em Rocha Pombo um defensor ardoroso da elevação moral e intelectual do povo, tal como ele expõe em *A religião do belo*, de 1882, e *A supremacia do ideal*, de 1883. Essa ênfase o leva a problematizar a relação entre instrução e educação, a destacar o papel da família no plano educacional, a enaltecer o papel da mulher, advogar a igualdade dos negros diante dos brancos, a estabelecer duras críticas às políticas educacionais de então e à própria escola como agência de formação. Republicano, democrata e abolicionista, este livre pensador de formação eclética se volta contra a política do favor característica do Império Brasileiro, enaltecendo o esforço individual, o trabalho intelectual, a solidariedade humana como filha da história e o devir humano como fruto da relação imanente entre o indivíduo e a sociedade, tratando os indivíduos como filhos da “mesma família humana”. Para ele o indivíduo egoísta seria nocivo

7

à coletividade, motivo pelo qual parece inscrever a realização de espíritos individuais livres na longa marcha de desenvolvimento do pensamento criativo da humanidade. Parece-me que isso revela um tipo de sensibilidade que questionava os regimes de autoridade então vigentes.

Mais que relacionar seu pensamento ao anarquismo, ao socialismo ou ao positivismo, como pretendem alguns (Bega, 2003), ou ao simbolismo, como desejam outros (Santos, 2007), localizo na sua obra inicial ecos de uma ambiência marcada por um conjunto de características comuns a muitos homens do período: uma formação eclética e autodidata com pretensão erudita, característica dos livre-pensadores; uma tendência a abarcar diferentes domínios da cultura de forma livre, o que nos permite diferencial o intelectual do profissional/especialista, sobretudo naquela ambiência do séc. XIX, como propõe Williams (2007); uma consciência, ainda que difusa, do seu lugar como “pensador” dotado de um senso de missão em relação ao que é humano/público/universal. Ao militar pela criação de uma universidade na jovem Província já no final do séc. XIX, o autor demonstra toda sua consciência do lugar que ocupa na batalha das ideias, no período.

Recuperando a noção de experiência, parto do entendimento que – mesmo tendo Thompson desenvolvido um aparato explicativo levando em conta uma experiência coletiva, manifesta na formação de uma classe – mobilizados com o devido cuidado os seus contributos originais permitem pensar como um homem com uma trajetória pouco comum para os padrões da época poderia vir a se tornar um importante pensador dos fundamentos da nação brasileira, a ponto de poder ser incluído no *fundo comum* proposto por Bresciani (2004).

Este aspecto parece-me um elo interessante para pensarmos a crítica de Rocha Pombo à cultura do favor e do privilégio que marcaram o séc. XIX, no Brasil (Schwarz, 2001). Naquele contexto Rocha Pombo recorria à noção de esforço individual justamente para demarcar o seu desacordo com as maneiras tradicionais de projeção perpetradas pelas elites de então. Também reconhecia a necessidade de pensar o indivíduo como constituinte de um grupo maior, do qual receberia os influxos necessários para a sua trajetória formativa (note-se que ele frequentava um círculo cultural de grande representatividade à época, no Paraná, embora isso não se desse pela sua condição econômica). Naquela sua *rede*, para seguirmos uma expressão cara a Sirinelli (2003), que incluía homens como Nestor Vitor, Cruz e Souza, Emilio de Menezes, Emiliano Pernetta entre outros que marcaram uma geração, o tema da

8

renovação da cultura era pedra de toque, ainda que Rocha Pombo se destacasse em relação aos demais pelo valor que concedia a educação para a consecução daquele projeto.

Se devemos ter cuidado com a transposição do conceito amadurecido no âmbito da história intelectual aos últimas décadas do sec. XX, como sugere Sirinelli (2003), ainda assim não podemos negar que Rocha Pombo e aquele grupo de homens de letras possuía uma autoconsciência do seu lugar na organização da cultura, além de alimentar um sentimento de missão pública, como sugere Vieira (2007), materializado na sua obsessão pela imprensa. Esforço individual e influxos coletivos demarcariam a possibilidade de formação daqueles indivíduos e, por conseguinte, a sua possibilidade de intervenção social crítica, sem a tutela, mas em relação com outros, o que permite pensar na noção de um intelectual de tipo *moderno*, sem temer o risco do anacronismo. No seu horizonte de intervenção pontificava uma veemente defesa do espaço público, algo que acompanharia Rocha Pombo ao longo da sua vida. Como ele próprio se afastaria da política – lembremos que chegou a ser deputado provincial – e se voltaria para o espaço estrito do jornalismo e da literatura, é possível perguntar sobre um possível “desencanto” (Thompson, 2001) deste intelectual ou, ao menos, sobre a sua “acomodação” a um contexto político em ebulição, justamente no momento do reordenamento político-partidário conhecido no Brasil nas últimas décadas do séc. XIX, que tinha na política do favor um dos seus elos mais sólidos. Talvez pela sua própria origem e pertencimento social, o autor reivindicasse o mérito, o esforço, a competência como condição de afirmação dos indivíduos na arena pública, o que ajudaria a alguns estudiosos da sua obra a localizarem ali aproximações com o socialismo e até mesmo com o anarquismo. Seja como for, e independentemente de qualquer classificação, na sensibilidade de Rocha Pombo as realizações do espírito não eram atributos apenas dos mais abastados ou dos bacharéis; antes, entendia que o desenvolvimento intelectual e moral era uma prerrogativa de todos e as possibilidades para a sua plena realização deveriam ser garantidas pelo Estado e pela sociedade. Parecia, pois, ter consciência da sua própria condição intelectual, na medida em que tinha o sentimento de missão para a reforma moral da sociedade no seu horizonte. Nesse aspecto é que podemos vê-lo compartilhando o fundo comum dos homens do séc. XX no que se refere às condições de fundação de uma nação *civilizada*.

Mas de onde viria aquela sensibilidade que amalgamava o sentimento comum de parte da intelectualidade da época com uma percepção muito particular do papel da educação como

9

promessa de um mundo novo? É difícil saber, com precisão. Mas podemos especular sobre a sua origem em um lugar humilde, ainda que com grande circulação de viajantes, dada a proximidade com os portos paranaenses e a primazia da economia baseada no beneficiamento da erva mate e na pecuária. Se considerarmos que essas duas dimensões da economia paranaense se voltavam, sobretudo para o sul, podemos especular que o fato de Rocha Pombo publicar em revistas e jornais da Bacia do Pauta indica um circuito de relacionamentos que poderia permitir o desenvolvimento da sua trajetória intelectual de forma bastante incomum para o período, se pensarmos na maioria da população brasileira. Tudo isso, em alguma medida ajudaria a dar forma ao processo formativo do intelectual que, assim, não estaria isolado do fundo cultural comum de sua época, ainda que não fizesse parte ativa dos círculos aristocráticos e não tenha obtido uma formação acadêmica tradicional. Em outros termos, segundo o próprio Rocha Pombo, o pensamento criativo de um homem só é possível pela própria história do desenvolvimento do pensamento de todos os homens. Ao externar pensamentos como este Rocha Pombo foi tomado, talvez de maneira um tanto apressada, como um herdeiro do “socialismo utópico” (Que luz, 1994). Sua experiência, não tributária de uma cultura acadêmico-bacharelesca, parece advir de um conjunto de elementos díspares que constituiriam uma trajetória algo incomum.<sup>4</sup>

Assim, aquele homem que se mostrou leitor contumaz, e assumia-se como um escritor que deveria fazer chegar a todos às suas reflexões por diferentes meios de divulgação. Daí que a imprensa, em especial – note-se a sua apologia do prelo – e o jornalismo, em particular, seriam para ele dois elementos constituidores da possibilidade de intervenção do intelectual sobre um universo de problemas afeitos ao domínio público, o único que poderia garantir a todos o usufruto daquilo que de melhor produziu o gênio humano. No entanto, se compartilhava uma mesma estrutura de sentimentos (Williams, 2005) com os homens daquele tempo, sua trajetória exprime uma experiência singular (Thompson, 1981), que se alheia aos grandes círculos de poder econômico por crer que o pensamento requer independência dos constrangimentos materiais da vida. Talvez fosse esse o *leitmotiv* da sua obsessiva e vasta dedicação à causa dos livros didáticos, pois parecia crer que a intervenção educativa – que não negligenciava a dimensão estética, era condição para que a obra humana fosse digna de

---

<sup>4</sup> Rocha Pombo só se tornaria advogado, no Rio de Janeiro, depois dos 50 anos, quando já era um historiador reconhecido.

10

ser continuada. Em um tempo onde a educação geral era tratada com “olhos avessos” Rocha (1877), o autor demonstrava rara sensibilidade para aquilo que poderia ser tomado como *cuidado com o mundo*, expresso no seu sonho de uma “felicidade geral dos homens”.

## REFERÊNCIAS

BEGA, Maria Tarcisa Silva. No centro e na periferia: a obra histórica de Rocha Pombo. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

BRESCIANI, Stella. Identidades inconclusas no Brasil do século XX – fundamentos de um lugar-comum. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.) *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias. In: GIL, Natalia et alii (orgs.). *Moderno, modernidade, modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX (vol. 1)*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

QUELUZ, Gilson Leandro. Rocha Pombo: romantismo e utopias (1880-1905). Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994.

ROCHA, José Francisco da. Duas palavras sobre a Instrução Pública. *A Escola*. Rio de Janeiro, 1877, p. 163.

ROCHA POMBO, José Francisco da. *A religião do bello*. Morretes: Ed. do autor, 1882.

\_\_\_\_\_. Colonização. *Gazeta Paranaense*, n. 185, 05 de abril de 1882.

\_\_\_\_\_. Colonização (continuação). *Gazeta Paranaense*, n. 195, 13 de maio de 1882.

\_\_\_\_\_. Instrução Pública. *Gazeta Paranaense*, n. 195, 13 de maio de 1882.

\_\_\_\_\_. Instrução Pública (continuação). *Gazeta Paranaense*, n. 196, 17 de maio de 1882.

\_\_\_\_\_. Instrução Pública (conclusão). *Gazeta Paranaense*, n. 205, 28 de junho de 1882.

\_\_\_\_\_. *A supremacia do ideal: estudos sobre educação*. Castro: Typographia do Echo dos Campos, 1983.

\_\_\_\_\_. *História da América*. 1. ed. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1900.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

11

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio. O pensamento de Edward Palmer Thompson como programa para a pesquisa em história da educação: culturas escolares, currículo e educação do corpo. *Revista Brasileira de História da Educação*. v. 8, n. 1 (16), p. 147-169. 2008.

\_\_\_\_\_. Rocha Pombo: a “invenção” de uma cultura americana no livro didático. In: LEITE, Juçara Luzia e ALVES, Cláudia (orgs). *Intelectuais e história da educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Vitória: EDUFES, 2011.

\_\_\_\_\_. *Pensando a educação com Raymond Williams*. UFMG, 2012. (Texto inédito).

THOMPSON, Edward Palmer. *Education and experience*. Ledds University Press, 1968.

\_\_\_\_\_. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em história da educação um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio (org.). *Cinco estudos de história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *La larga revolución*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2003.

\_\_\_\_\_. *Palavras-chave – um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.